

HUMANAS E SOCIAIS

V.10 • N.1 • 2023 • Fluxo Contínuo

ISSN Digital: 2316-3801

ISSN Impresso: 2316-3348

DOI: 10.17564/2316-3801.2023v10n1p693-706



## RELAÇÃO ENTRE A LÍNGUA, A CULTURA E A IDENTIDADE DO HOMEM PANTANEIRO

RELATIONSHIP BETWEEN LANGUAGE, CULTURE AND  
IDENTITY OF THE PANTANAL MAN

RELACIÓN ENTRE LENGUA, CULTURA E IDENTIDAD  
DEL HOMBRE DEL PANTANAL

Regina Aparecida Brito Nascimento<sup>1</sup>  
Natalina Sierra Assêncio Costa<sup>2</sup>  
Adriana Lúcia de Escobar Chaves de Barros<sup>3</sup>

### RESUMO

Este artigo tem como objetivo, discorrer, a partir da abordagem da Sociolinguística Variacionista, como a língua, a cultura e a identidade se entrelaçam no discurso do homem pantaneiro. A Sociolinguística Variacionista é uma área de estudo que investiga os diferentes comportamentos linguísticos em situações reais de comunicação, considerando o contexto sociocultural em que os falantes estão inseridos. As atividades tradicionais do pantaneiro têm um papel central na linguagem e nas expressões características utilizadas por esses falantes. Este estudo está fundamentado em teóricos relevantes da Sociolinguística Variacionista. Pretende-se contribuir para a ampliação do conhecimento sobre a língua, a cultura e a identidade do homem pantaneiro, pois, esses aspectos são fundamentais para compreensão das complexidades linguísticas e culturais do Brasil.

### PALAVRAS-CHAVE

Língua. Cultura. Identidade. Homem Pantaneiro.

## ABSTRACT

This article aims to discuss, from the Variationist Sociolinguistics approach, how language, culture and identity are intertwined in the discourse of the Pantanal man. Variationist Sociolinguistics is an area of study that investigates different linguistic behaviors in real communication situations, considering the sociocultural context in which speakers are inserted. The traditional activities of the Pantanal people play a central role in the language and in the characteristic expressions used by these speakers. This study is based on relevant theorists of Variationist Sociolinguistics. It is intended to contribute to the expansion of knowledge about the language, culture and identity of the Pantanal man, as these aspects are fundamental for understanding the linguistic and cultural complexities of Brazil.

## KEYWORDS

Language; culture; identity; pantanal man.

## RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo discutir, desde el enfoque de la Sociolingüística Variacionista, como lengua, cultura e identidad se entrelazan en el discurso del hombre pantaneiro. La Sociolingüística Variacionista es un área de estudio que investiga diferentes comportamientos lingüísticos en situaciones comunicativas reales, considerando el contexto sociocultural en el que se insertan los hablantes. Las actividades tradicionales de los pueblos del Pantanal juegan un papel central en la lengua y en las expresiones características utilizadas por estos hablantes. Este estudio se basa en teóricos relevantes de la Sociolingüística Variacionista. Pretende contribuir a la ampliación del conocimiento sobre la lengua, la cultura y la identidad del hombre del Pantanal, ya que estos aspectos son fundamentales para comprender las complejidades lingüísticas y culturales de Brasil.

## PALABRAS CLAVE

Lenguaje; cultura; identidad, hombre del Pantanal.

## 1 INTRODUÇÃO

Além de servir como um meio de comunicação, a fala de uma comunidade também reflete sua história, seus valores e costumes, transcendendo o âmbito puramente linguístico e conferindo uma identidade singular aos seus falantes. Nesse contexto, a Sociolinguística Variacionista surge como uma área de pesquisa que estuda os diferentes comportamentos linguísticos, a partir do uso da língua em situações reais de comunicação e levando em consideração o contexto sociocultural em que esses sujeitos estão inseridos.

A Sociolinguística Variacionista explora a relação entre os falantes, os ouvintes e os contextos sociais, considerando as diferenças regionais que singularizam e particularizam a linguagem de um indivíduo ou de uma comunidade por meio de situações sociais e práticas discursivas. De acordo com essa abordagem, o processo linguístico está diretamente relacionado à maneira com a qual os indivíduos interagem no contexto em que vivem, na medida em que a língua retrata o comportamento e a cultura de uma comunidade. Estudar o uso social da língua, de acordo com a teoria laboviana, envolve conhecer as origens do falante e suas diversas realidades a partir da fala representada.

Quanto a isso, o Pantanal é um contexto sociocultural especial, caracterizado por sua rica biodiversidade e pelo estilo de vida ligado às atividades rurais. A fala do homem pantaneiro reflete a sua cultura e a sua identidade. O modo de vida pantaneiro, com suas interações com o meio ambiente, influencia profundamente a forma como os falantes pantaneiros se comunicam. Atividades como o trabalho com gado, a criação de animais e a lida diária no campo estão representadas na linguagem utilizada por esses sujeitos.

Sendo assim, este artigo tem como objetivo, discorrer, a partir da abordagem da Sociolinguística Variacionista, como a língua, a cultura e a identidade se entrelaçam no discurso do homem pantaneiro. Procurou-se evidenciar como as variantes linguísticas presentes na fala desses homens representam a realidade sociocultural e as experiências vivenciadas por eles.

Esta pesquisa está fundamentada em concepções de teóricos como Calvet (2002), Mollica (2003), Nogueira (1990; 2002), Morettini e Urt (2010), Barros (1998) e outros estudiosos que abordam questões sociolinguísticas, culturais e identitárias em geral, como também, as específicas do homem pantaneiro.

Esperamos que este estudo contribua para um maior conhecimento sobre a língua, a cultura e a identidade do homem pantaneiro. Valorizar a diversidade da língua é reconhecer a riqueza das diferentes formas de falar e a importância de preservar e promover as identidades linguísticas locais.

## 2 SOCIOLINGUÍSTICA: LÍNGUA, CULTURA E IDENTIDADE

Mollica (2003) refere-se à Sociolinguística com um campo interdisciplinar, uma subárea da Linguística, que se interessa pelos estudos da língua observados em uma comunidade de fala, identificando os aspectos linguísticos e sociais existentes na fronteira língua e sociedade. A Sociolinguística Variacionista “estuda a língua em uso no seio das comunidades de fala, voltando a atenção a um tipo

de investigação que correlaciona aspectos linguísticos e sociais”, se ocupando da variação e das mudanças linguísticas; e que “todas as línguas apresentam um dinamismo inerente, o que significa dizer que elas são heterogêneas” (Mollica, 2003, p. 9). Essa área de pesquisa tem como objeto de estudo, a língua e suas variações e os fenômenos linguísticos que envolvem esses conceitos.

De acordo com essa abordagem, todo indivíduo é plurilíngue por natureza pois é o único que possui a capacidade de utilizar diferentes formas de uma mesma língua para se comunicar de acordo com o ambiente em que esteja inserido, “seja no contexto familiar, por meio de uma linguagem mais informal ou no ambiente de trabalho com uma fala mais formal”, conforme observa Oliveira (2016, p. 24). Para a pesquisadora, a relação existente entre língua e sociedade não é de mera casualidade, pois desde o nascimento o indivíduo já convive com uma série de signos linguísticos onde lhe são apresentadas inúmeras possibilidades comunicativas como os gestos, as expressões faciais e, por fim, a linguagem falada.

Segundo Calvet (2002, p. 11), “as línguas não existem sem as pessoas que as falam, e a história de uma língua é a história de seus falantes”, isto é, todo ser humano faz uso da linguagem para se comunicar, seja por meio da fala, dos gestos, dos símbolos, dos sinais, dentro outros. Falar implica em selecionar certas unidades linguísticas e utilizar um repertório lexical comum entre o emissor e o receptor da mensagem para que haja um perfeito entendimento na comunicação.

Mais do que achar as palavras adequadas, falar implica em ter a habilidade linguística e o domínio necessários para construir as palavras de maneira clara e ordenada. Cada língua, cada falar, cada dialeto ou expressão traz consigo uma história, isto é, a história de um povo, de uma comunidade e seus falantes. Calvet (2002) destaca ainda três fatores essenciais que condicionam a diversidade linguística: a identidade social do falante; a identidade social do destinatário; e o contexto social em que estes estão inseridos.

Faraco (2002) observa que as normas linguísticas dos grupos sociais de uma comunidade apresentam características identitárias próprias por incorporar certos valores socioculturais, mas também se mesclam e se influenciam mutuamente, ou seja, são mescladas ou “hibridizadas”, sendo a língua uma atividade essencialmente social que preserva a nacionalidade de seus falantes (Faraco, 2002, p. 39 *apud* Freitag; Lima, 2010, p. 10), como acontece no caso da comunidade pantaneira. Partindo desse princípio, a língua se torna um instrumento de fala que, ao ser utilizada pelo falante, passa a representar um veículo identitário uma vez que o ato discursivo constitui também ato de identidade do sujeito, na medida em que a linguagem e a língua desempenham um papel essencial na comunicação da cultura e nas representações da identidade de um determinado grupo social.

É por meio do uso da linguagem, associada a fatores históricos e sociais, que o homem se constitui como sujeito, estabelecendo vínculos com outros povos e outras culturas e construindo a sua própria identidade. Todo ato de fala, portanto, retrata a identidade de seu falante e que a língua a expressa também a cultura de uma comunidade ou grupo de pessoas. Ela permite ao indivíduo utilizá-la de acordo com o seu contexto social sem impor uma maneira certa ou errada de falar. Assim, analisar a linguagem utilizada pelo peão pantaneiro é ter a possibilidade de conhecer melhor a sua história de vida por meio de sua identidade discursiva, que representa o seu ambiente e a sua visão de mundo.

A língua representa e é representada pelo universo cultural onde o falante produz uma visão de mundo por meio do seu universo semiótico, lexical e gramatical, dentre outros. Língua, cultura e sociedade, embora constituam processos distintos, estão interligadas por relações de dependência, pois modificações ocorridas no sistema linguístico podem alterar o universo sociocultural de um determinado grupo (Costa, 2010). A língua é uma representação da identidade social e cultural do indivíduo. Ela sempre estará presente um determinado grupo que representará uma diversidade linguística. Ela é o fato social de uma comunidade ou sociedade ou de um determinado grupo, na medida em que reflete as transformações ocorridas no ambiente social do falante.

Segundo Santos (1986), a cultura, por sua vez, pode ser considerada “uma dimensão do processo social, da vida de uma sociedade, diz respeito a todos os aspectos da vida social. Cultura é uma construção histórica, seja como concepção, seja como dimensão do processo social.” As autoras apresentam uma definição genérica de cultura salientando que há uma diferença entre a cultura predominante na sociedade atual com a da sociedade primitiva em decorrência da dinamicidade da cultura contemporânea que varia, incorpora novos conhecimentos e vai se transformando com o tempo.

Nessa perspectiva, cultura envolve um processo social concreto que somente terá sentido enquanto for parte de uma sociedade. Isoladamente, as lendas, as crenças, as festas típicas, os costumes e as tradições não têm significado sem uma referência social. A cultura não é algo estático. O fato de que as tradições culturais identificam um determinado grupo não significa que ela não se transforma. O sujeito internaliza as formas culturais e as transforma de acordo com o meio (Morettini; Urt, 2010).

Já a identidade se relaciona com a memória coletiva, sendo também exterior ao indivíduo. Além de envolver questões de ordem individual auxilia na preservação de uma forma peculiar sobre os fatos que a sociedade e seu contexto têm para com o indivíduo. Como as identidades são uma construção humana, elas também podem ser modificadas. Formadas ao longo dos tempos são incompletas, estão sempre em processo de formação (Gonçalves, 2016, p. 50).

Mesmo sendo individual, a identidade implica em pertencer a um determinado grupo, ou ainda a uma comunidade com sua cultura. Ela permite que o indivíduo se integre ao meio social que está inserido. Podemos dizer que os valores culturais reafirmam uma identidade. A diversidade cultural brasileira também contribui na construção das identidades regionais e na preservação da identidade de cada um por meio da sua linguagem. Morettini e Urt (2010, p. 81) destacam que a identidade se forma a partir da articulação de vários personagens, tendo como princípio a própria representação e suas atividades produtivas, ou seja, a “identidade é o próprio processo de identificação”. No processo de identificação considera-se ainda as condições sociais e instituições onde ela ocorre.

Ainda para as autoras, a identidade é um processo de formação e transformação do sujeito, que se constitui na relação com o outro. Nesse sentido, ela é resultado das relações que o indivíduo estabelece com o meio e com as demais pessoas que o cercam, bem como pelos papéis que determinam a existência concreta do sujeito. Assim, a constituição de uma identidade é um processo permanente de formação e transformação do indivíduo. A fala é uma forma de representação da identidade pois ela representa a identidade cultural e social da pessoa que a utiliza. Portanto, cultura e identidade se manifestam também por meio da fala, que é única de cada indivíduo.

### 3 HOMEM PANTANEIRO: HÁBITOS E COSTUMES

Conforme Nogueira (1990 p. 25) “o Pantanal e o pantaneiro são duas realidades diferentes que se fundem numa realidade antropogeográfica única”. A pesquisadora ressalta a importância desse indivíduo para todo o conjunto elementos que constituem essa região, e observa que:

Pantanal é um sistema ecológico que não se completa apenas com o conjunto de uma avefauna e de uma flora variadíssimas. Muito mais importante é o homem que nele vive tanto na condição de dono da terra, quanto na de vaqueiro, empreiteiro, bagualeiro<sup>4</sup>, garimpeiro, balseiro, pescador etc. (Nogueira, 1990, p. 12).

Diante dessa afirmação, temos então esse sujeito capaz de interferir no ecossistema de forma direta ou indireta, que aprende a conviver com a natureza e a interpretá-la, buscando a sua preservação. Muitas vezes com a sua espora, a sua sela e o seu cavalo – que são os principais instrumentos de trabalho do peão pantaneiro-, esse sujeito é retratado por músicos; poetas; escritores e pintores que buscam expressar por meio de sua arte a vida desse habitante do Pantanal. Portanto, o “Pantanal não seria o que é sem o homem que o habita, o homem que faz a história do Pantanal e sua própria história”. A autora defende que, “falar de Pantanal e não se referir ao homem pantaneiro seria como, ao se falar sobre um rio, esquecer-se de mencionar suas águas” (Nogueira, 1990, p. 59).

O homem pantaneiro é aquele que sabe se relacionar com a natureza de maneira íntima, criando uma sintonia entre ambos. É aquele que há muito habita o Pantanal e que aprendeu a conviver nesse universo bastante inundado e úmido e que está sempre integrado a esse contexto de maneira harmoniosa. O Pantanal e o pantaneiro possuem uma intrínseca relação de afinidade e de respeito, havendo uma integração entre ambos em uma relação onde um necessita do outro para sobreviver. O pantaneiro está vinculado principalmente às atividades da pecuária, que são predominantes na região do Pantanal. Ainda podemos representá-lo como um sujeito simples e hospitaleiro, sempre disponível compartilhar seu modesto conhecimento da região.

Nesse mesmo entendimento, Morettini e Urt (2010, p. 8) definem o homem pantaneiro como sendo “aquele que habita no Pantanal, reside e ali trabalha ou já deixou o espaço, mas, mantém vínculos afetivos e econômicos com o lugar”. São sujeitos que reproduzem sua cultura por meio de sua experiência de vida e por seus traços singulares. Homem simples, calmo, acostumado à solidão e ao isolamento. Com seu chapéu de palha de abas largas; calças jeans surradas e facão na cintura, trabalha com o gado, sempre montado em seu cavalo.

Evidenciamos aqui a figura do peão pantaneiro ou vaqueiro, que desempenha as funções de lida com o gado, gerente ou capataz de fazenda; peão ou vaqueiro e transita pelas áreas inundadas do Pantanal com sua vestimenta típica, ou seja, chapéu e botina. Sua rotina está relacionada diretamente à natureza do trabalho que é exercido constantemente no lombo de um cavalo e exige que se levante ainda quando o dia nem clareou e inicie os procedimentos para o dia de trabalho, como ele

---

<sup>4</sup> Indivíduo que procura o gado bagual, para trazê-lo ao mangueiro e amansá-lo (Nogueira, 2002).

próprio diz: arreia sua montaria; come seu quebra-torto (arroz-carreteiro); ajeita sua matula e o tereré (ou mate-frio), que leva em seu sapiquá<sup>5</sup> juntamente com a guampa<sup>6</sup>, a bomba e a erva- mate, para tomar antes do almoço e no meio da tarde, conforme menciona Pinto (2006).

Segundo a autora Dorsa (2006, p. 146), a expressão *peão* é designada como “homem que se ajusta para o serviço do campo; serviçal de estância; amançador de animais de sela”, em termos dicionários. Já no sentido cultural da tradição pantaneira, “sintetiza a crença local do homem que povoa o Pantanal Sul.” Nesse sentido, podemos observar as semelhanças nas definições e características apresentadas por Pinto (2006) e Dorsa (2006) ao descreverem a figura do peão pantaneiro como sendo aquele sujeito que habita nas terras do Pantanal e que executa a lida do gado. Conforme Dorsa (2006), a expressão *lida* é apresentada em dicionários como *luta*, *trabalho* já na linguagem pantaneira, representa *um conjunto de ações de vida de um peão*.

A comitiva é o nome que se refere a um conjunto de trabalhadores que acompanham o gado, quando este necessita ser transferido de um lugar para o outro em uma travessia feita a pé. Uma comitiva geralmente é composta pelo cozinheiro; os cargueiros – burros que carregam a carga; os peões – que tocam a boiada; o ponteiro – que vaia frente da comitiva tocando o berrante e é um conhecedor dos caminhos; os fiadores – que ficam um de cada lado da boiada e não cuidam para que ela não se espalhe; os meeiros – que ajudam a empurrar o gado; o culatreiro – é o indivíduo que vai atrás da boiada e cuida para que nenhuma rês se perca pelo caminho. Uma comitiva percorre, em média, 16 km por dia. Cada dia completado de percurso é denominado de *marcha* (Morettini; Urt, 2010, p. 51).

Durante as comitivas, o peão enfrenta a seca, a cheia, a condução e cuidado com os animais. Na condução da boiada, o momento mais delicado é a travessia do gado nos rios. Os diversos obstáculos enfrentados pela comitiva durante seu trajeto, servem para demonstrar as habilidades do condutor e da comitiva. O peão pantaneiro tem o hábito de dormir em redes, muitas vezes amarradas nos galpões ou há lugares cobertos para o pouso, pernoitam ao ar livre com as redes amarradas em árvores. Barros (1998) acrescenta:

Na frente desse mar de cabeça de reses seguia o ponteiro ou guieiro, ou seja, o vaqueiro que vinha na frente, tomando o rumo a seguir e, que, com seu berrante feito de vários chifres de vacas emendados, chamava a boiada para segui-lo. Ao lado do ponteiro seguiam mais dois peões, os cabeceiras ou fiadores, cada um de um lado do guieiro. Nas laterais da vaquejada, ajudando para que nenhuma rês se desgarrasse do lote seguiam os meeiros que com seu reador (fio de couro e corrente usado para a condução do gado) ou piraim, obrigavam o gado a obedecer ao comando e seguiam viagem sem se esparramar pela campina. (Barros, 1998, p. 9 apud Morettini; Urt, 2010, p. 46).

No trecho acima Barros (1998) narra o trabalho de uma comitiva de gado e nos permite ter uma noção detalhada dessa atividade realizada pelo homem pantaneiro nas fazendas da região do Pantanal. É possível, ainda, verificar a complexidade dessa tarefa, bem como a habilidade que ela requer

5 saco grosseiro de viajantes; picuá. Conforme Dicionário Houaiss, 2001.

6 chifre talhado em forma de copo ou vasilha para líquidos; guampo. Conforme. Dicionário Houaiss, 2001.

daqueles que realizam tal função. Assim, é nesse ambiente que o peão pantaneiro se constitui enquanto sujeito de suas ações em meio a um contexto social que se revela próprio daquela região.

No Pantanal o termo *vaqueiro* não se refere apenas a uma definição profissional, mas pode ser também uma qualificação adjetiva: *ele era um patrão muito vaqueiro*. Tal fato se justifica em decorrência da própria lida campeira e seu aspecto alegre e competitivo onde o laço e o cavalo são os instrumentos de luta do vaqueiro. A destreza, a coragem e a habilidade no lombo do cavalo são muito mais importantes do que a própria força (MORETTINI, *et al.*, 2012). Assim, com hábitos diferenciados em decorrência das especificidades do seu trabalho bem como da localidade onde reside, o homem pantaneiro possui um falar próprio, com sotaque específico e característico desse universo pantaneiro, que ao toque do berrante, traduz uma linguagem singular.

## 4 RELAÇÃO ENTRE A LÍNGUA, A CULTURA E A IDENTIDADE DO HOMEM PANTANEIRO

Como afirmam Morettini e Urt (2010), a identidade é um produto da interação do sujeito com o meio que se manifesta a partir do seu modo de agir, de fazer e de pensar. Para as autoras, “o sujeito pantaneiro constitui-se no processo de identificar-se com o outro e diferenciar-se do outro” (Morettini; Urt, 2010, p. 84), pela sua cultura; pelo tipo de atividade e nos afazeres que desenvolve no seu cotidiano; e nas relações que ele estabelece ao longo de sua história; “a linguagem é essencial no processo de constituição da identidade, pois é por meio dela que o homem torna interno o que ele experimenta externamente, e todo o produto deste processo é o que se chama de identidade” (Morettini; Urt, 2010, p. 84).

A fala, como um dos elementos da linguagem, compreende, portanto, uma importante participação na formação do sujeito e na constituição da sua identidade, pois por meio dela o indivíduo incorpora aquilo que vivencia no seu cotidiano, na sua interação com o outro, e a interioriza para a formação da sua cultura e conseqüentemente a formação de sua identidade. Por intermédio de suas práticas sociais e costumes, muitas vezes adquiridos desde à infância, permitem que esse indivíduo vá incorporando valores que passarão a compor sua cultura e servirão para nortear suas ações no seu dia a dia como peão pantaneiro. A transmissão dos conhecimentos produzidos no espaço do Pantanal permite uma harmonia com a fauna e flora daquele local em uma convivência de respeito a natureza que o cerca.

A identidade e a cultura do homem pantaneiro são oriundas de uma mistura de povos formados a partir de uma relação de índios, que foram os primeiros habitantes do local; os bandeirantes que povoaram a região em seguida; e ainda com outros povos que vieram em busca do ouro na região de Poconé. De acordo com o site da Academia Pantaneira, a cultura da região pantaneira possui várias influências, formada desde o contato dos indígenas com os primeiros desbravadores, sendo eles bandeirantes que vieram procurando ouro na região de Poconé ou mesmo os negros escravos que pela região do pantanal ficaram perpetuando manifestações afrodescendentes.

Ao mesmo tempo em que se distanciava acabava se misturando duas culturas diferentes em pequenos centros: do rico e do pobre tendo visto que nas grandes fazendas pelo período de mais de 200 anos, pela facilidade na criação de gado tendo em vista as pastagens, evidenciaram os contrastes



entre a cultura rústica do peão e as tradições burguesas dos patrões e seus descendentes. O Pantanal passou a ser ocupado por outros povos a partir do século XVIII, tendo em vista a busca de minérios na região centro-norte do antigo Mato Grosso enquanto no centro-sul, grupos de migrantes desbravaram o pantanal e constituíram as fazendas de gado que marcam profundamente a cultura da região, centrada nos valores pastoris e com influência paraguaia e dos nativos.

Por outro lado, no Centro-sul, as famílias de imigrantes chegavam ao pantanal conquistando e construindo grandes fazendas de gado marcando a cultura local, vivenciando atividades pastoris tendo forte influência paraguaia e dos nativos da região, conforme mencionado no site da Academia Pantaneira (2018). Ainda para Pinto (2006), conhecer um povo de uma determinada região pressupõe conhecer suas práticas sociais e especialmente sua língua, o que torna possível o conhecimento de uma cultura peculiar de uma comunidade ou de um grupo que carregam crenças, costumes, valores sociais e culturais e ideologias próprias, que se manifestam por meio da fala utilizada por esses sujeitos no seu cotidiano.

É por meio da linguagem que o homem pantaneiro transmite de geração em geração seus mitos, lendas e histórias buscando responder com elas e a partir delas, conflitos e situações diversas presentes no seu cotidiano, conforme mencionam Gonçalves, Wenceslau e Garcia (2009). As crenças que integram o cotidiano desse pantaneiro são contadas, recontadas e vivenciadas nas rodas de comitivas, nas prosas do dia a dia entre amigo e também nos encontros familiares.

A linguagem é um meio de transmissão de conhecimentos entre as gerações futuras e as gerações passadas e, especificamente no caso do homem pantaneiro, por meio dos causos que são contados de pai pra filho. Em razão disso, a cultura constitui um processo de acumulação de conhecimentos e experiências, preservando alguns hábitos e costumes e preservando também a identidade dessa comunidade.

A língua está presente em todos os aspectos de convivência humana social. Ela está relacionada à forma como o indivíduo interage, retratando seu comportamento e sua cultura e o seu uso representa também um veículo identitário. Por ser uma construção humana, apresenta uma diversidade nos falares de indivíduos, comunidades ou grupos sociais. Ela é utilizada como principal ferramenta de construção entre as sociedades, por isso sofre mudanças, transforma-se no tempo e se diversifica no espaço geográfico.

Em uma palestra proferida VI CIDS - Congresso Internacional de Dialectologia e Sociolinguística Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Barros (2022) ressaltou que o homem pantaneiro é bem diferente do que foi retratado na novela exibida pela Rede Globo de TV em 2022. Palavras como *reiva*, *diacho*, *olhadura*, *ora* e *flozô* faladas pelos personagens da novela representavam estereótipos estigmatizados socialmente pela comunidade urbana do Sudeste, como os atores e escritores da novela, em relação ao homem pantaneiro.

“Essas palavras devem ser faladas em algumas comunidades rurais do Brasil e eles inventaram que no Pantanal se fala assim, como se todas as comunidades rurais fossem as mesmas e não tivessem identidade” (Barros, 2022). A palavra *Currutela*, foi usada na novela como prostíbulo, mas no Pantanal significa *pequeno povoado*. *Jacú*, foi tido como tímido, quando no Pantanal é usado como *caipira*, *do mato*.

A fala desse sujeito é muito ligada ao ambiente onde ele vive. Ele faz correlações e cria palavras relacionadas ao meio dele. O pantaneiro se inspira em uma árvore, em um animal silvestre, ou na lida diária com o boi, por isso, a sua fala está intrinsecamente ligada às características do Pantanal. É o

meio ambiente influenciando a fala, por consequência da vivência diária dele, principalmente com a natureza. O homem pantaneiro se constitui na fala e sua fala está relacionada a sua identidade.

O pantaneiro é muito pródigo em criar apelidos e todos os apelidos estão ligados à vivência dele no campo, ao cavalo, ao boi, aos animais silvestres, aos pássaros. Quando ele vai contar uma estória, existe sempre uma referência ao mundo natural onde ele vive. Por exemplo, *Fulano é igual um boi cornicho; tem um passo triste*. Outro exemplo: *um dia depois de um baile no Pantanal, eles podem dizer: você viu o Zé Quati atalhando o caititu ontem?* A palavra atalhar é entrar na frente. Se antecipar ao outro (Barros, 2022).

Conforme Barros (2022), o pantaneiro é um *rumicante*, ou seja, ele fala muito pouco e observa bastante. Quando está no seu meio e entre amigos, é falante e tem um “humor muito ácido, também ligado a situações do cotidiano da lida diária, com gado, com às diversidades, com a cheia, com a enchente, com o mosquito, com o cavalo e sua traia de arreio”. Diante de alguém de fora do seu habitat, o homem pantaneiro se recolhe, e logo que essa pessoa se ausenta, ela passa a ser identificada com um apelido de um animal silvestre, de um pedaço de pau ou de uma situação inóspita.

Ele não é subserviente em nada, “porque sempre viveu naquela imensidão” (Barros, 2022, p. 15). A própria paisagem do Pantanal trouxe para a comunidade Pantaneira e para a sua cultura, uma liberdade sem igual. “Esse é o homem que tem um mundo que é dele. Ele não tem aparas. Trata-se de uma comunidade muito livre, no sentido denotativo da palavra” (Barros, 2022, p. 36).

O poder da mulher é uma característica no Pantanal. “O que é moderno hoje, em termos de empoderamento feminino, já existe há séculos. Quem manda e sempre mandou, na comunidade pantaneira, é a mulher. Mas é um mando calado. É uma autoridade velada” (Barros, 2022, p. 40). E isso também influencia a fala do pantaneiro. É comum no galpão, os homens criarem termos para se referirem e enaltecerem às mulheres. A comunidade pantaneira tem uma adoração pela figura da mulher e o poder que ela exerce. “Isso é natural, porque a quantidade de mulheres em relação aos homens sempre foi muito menor” (Barros, 2022, p. 42).

A fala do pantaneiro retrata os seus valores. “Ele valoriza um bom cavalo, de preferência que ele próprio tenha domado, uma traia de arreio bem-feita, completa, bonita, com pelego bonito, um cavalo bom, uma indumentária característica, uma bota e uma boa faca na cintura” (Barros, 2022, p. 25). Esses valores estão na sua fala. Um homem com uma traia de arreio bonita/boa é chamado de *traíudo*.

Enfim, na visão de Barros (2022), a Rede Globo de TV criou uma narrativa ficcional em que inventou uma fala, uma cultura e uma identidade social para o homem pantaneiro que não correspondem à realidade. Os escritores e atores da novela, não buscaram compreender verdadeiramente o homem do Pantanal e construíram estereótipos simplificados. Essa representação distorcida da fala *caipira* acabou difundindo para todo o Brasil, e até mesmo para outros países, valores sociais que não existem na comunidade pantaneira. Divulgaram uma imagem equivocada que não reflete as nuances e complexidades da cultura e identidade das pessoas daquele contexto social. Tal abordagem, além de ser prejudicial para aquela comunidade, contribui para perpetuar estereótipos e reforçar preconceitos culturais.

A comunidade pantaneira possui uma rica tradição e conhecimento transmitidos ao longo das gerações, que enriquecem a diversidade cultural do Brasil. As atividades tradicionais, como o trabalho com

gado e a vida no campo, são um reflexo da conexão profunda dos pantaneiros com o meio ambiente e sua habilidade em lidar com os desafios da região. O homem pantaneiro é detentor de um conhecimento único, adquirido pela convivência cotidiana com a natureza exuberante do Pantanal. Sua fala carrega consigo uma sabedoria que harmoniza os aspectos linguísticos, culturais e identitários, refletindo a riqueza da tradição oral e a capacidade de expressar a essência e os valores dessa comunidade.

Valorizar a cultura do Pantanal significa reconhecer e respeitar a identidade do homem pantaneiro, valorizando as suas práticas, os seus saberes e a sua conexão com o ambiente que o cerca. É imprescindível desmistificar estereótipos e promover uma representação autêntica e fiel da fala e da cultura do homem pantaneiro, buscando conhecer e compreender a sua realidade de forma genuína.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste estudo, explorou-se a relação entre a língua, a cultura e a identidade do homem pantaneiro, utilizando a abordagem da Sociolinguística Variacionista. Cientes da importância de compreender as complexidades linguísticas e culturais do Brasil, buscou-se valorizar a diversidade linguística e a riqueza da fala pantaneira.

A análise das variantes linguísticas presentes na fala do homem pantaneiro nos permitiu observar como essas variações refletem a realidade sociocultural e as experiências vivenciadas pelos falantes. Identificou-se como as atividades tradicionais, como o trabalho com gado e a vida rural, moldam a linguagem e as expressões características desse grupo. Nesse sentido, torna-se fundamental reconhecer que a fala pantaneira é uma expressão da história, dos valores e dos costumes dessa comunidade, merecendo ser apreciada e valorizada em sua autenticidade.

Promover a valorização e o respeito pela diversidade linguística é um passo crucial para a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva. Devemos combater estereótipos e preconceitos culturais, incentivando uma representação autêntica do homem pantaneiro e da sua fala.

Por fim, o estudo da língua, da cultura e da identidade do homem pantaneiro é de fundamental importância para o reconhecimento e a valorização dessa comunidade e de sua contribuição para a diversidade linguística e cultural do Brasil. Continuar a investigação e o entendimento desses aspectos é essencial para a preservação e promoção da riqueza linguística e cultural do Pantanal, o que leva ao enriquecimento da nossa compreensão da sociedade brasileira como um todo.

## REFERÊNCIAS

BARROS, Abílio Leite de. **Gente pantaneira**. Rio de Janeiro: Lacerda, 1998.

BARROS, Adriana Lúcia de Escobar Chaves. Palestra A fala da comunidade pantaneira: para além do que mostram na novela. **VI CIDS** - Congresso Internacional de Dialektologia e Sociolinguística

- Variação linguística: contatos interculturais, pesquisa e ensino - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, de 7 a 10 de novembro de 2022.

CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística**: uma introdução crítica, tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

COSTA, Natalina Sierra Assêncio. **As variações entoacionais na língua portuguesa falada por mulheres guatós**. 2010, 131 f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Filologia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, USP, São Paulo, 2010.

DORSA, Arlinda Cantero. **Língua e discurso nas crenças sul-pantaneiras**. 2006. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006. Disponível em: <https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/14413>. Acesso em: 10 maio 2023.

FARACO, Carlos Alberto. Norma-padrão brasileira: desembaraçando alguns nós. *In*: BAGNO, Marcos (org.). **Linguística da norma**. São Paulo: Loyola, 2002. cap.3. p. 37-61.

FREITAG, Raquel Meister Ko; LIMA, Geralda de Oliveira Santos. **Sociolinguística**. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, CESAD, 2010. Disponível em: [www.cesadufs.com.br/ORBI/public/uploadCatalogo/13213828042015\\_Aula\\_1.pdf](http://www.cesadufs.com.br/ORBI/public/uploadCatalogo/13213828042015_Aula_1.pdf). Acesso em: 17 abr. 2023.

GONÇALVES, Débora Fittipaldi. **Turismo de experiência, culturas e desenvolvimento**: uma relação possível para o pantanal mato-grossense na sub-região de Miranda. 2016. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Regional) – Universidade Regional de Blumenau, FURB, Blumenau, 2016.

GONÇALVES, Débora Fittipaldi; WENCESLAU, Marina Evaristo; GARCIA, Daniela Sottili. 2009. *O Homem Pantaneiro e Atividades de Turismo*: algumas reflexões sobre cultura, identidade e territórios. Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo. 6, 2009, São Paulo/SP. **Anais**. São Paulo: ANPTUR, 2009. Disponível em: <https://www.anptur.org.br/anais/anais/files/6/139.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2023.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro, Ed. Objetiva, 2001.

MOLLICA, Cecília. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. *In*: MOLLICA, Cecília; BRAGA, Maria Luiza (orgs.). **Introdução à Sociolinguística**: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, p. 9-14, 2003.

MORETTINI, Marly Teixeira; URT, Sônia da Cunha. **Cancioneiro do Pantanal**. Campo Grande, MS: Life. 2010.

MORETTINI, Marly Teixeira; URT, Sônia da Cunha; PIATTI, Célia Beatriz; MEDEIROS, Beatriz Teixeira Morettini; GODOY, Helena de Paula Salgado. **Expressões regionais**. Caderno de leitura. Campo Grande, MS: UFMS. 2012.

NOGUEIRA, Albana Xavier. **O que é Pantanal**. 1a ed. São Paulo: Brasiliense, 1990.

NOGUEIRA, Albana Xavier. **Pantanal**: homem e cultura. Campo Grande, MS:UFMS. 2002.

OLIVEIRA, Andreia Ângela de. **A variação linguística em livros didáticos de língua portuguesa: uma abordagem sociolinguística**. 2016. 136 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, UEMS, Campo Grande, MS, 2016. Disponível em: [http://www.uems.br/pos\\_graduacao/detalhes/letras-campo-grande-mestrado-academico/teses\\_dissertacoes](http://www.uems.br/pos_graduacao/detalhes/letras-campo-grande-mestrado-academico/teses_dissertacoes). Acesso em: 2 maio 2023.

PINTO, Maria Leda. **Discurso e cotidiano**: histórias de vida em depoimentos de pantaneiros. 2007. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

---

1 Mestra em Letras pelo Mestrado Acadêmico em Letras da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS) em 2019; Pós-graduada em Gestão Pública pela Universidade Estadual de MS (UEMS), em 2006; Graduada em Letras pela Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), em 2003. E-mail: reginabruto71@gmail.com.

2 Doutora em Letras pela Universidade de São Paulo (USP) em 2011; Mestra em Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho/SP, em 2002; Graduada em Pedagogia p/ Licenciados pela Universidade do Oeste Paulista, em 1991 e em Letras Habilitação Português Inglês pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), em 1985; Professora concursada da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul e efetivo do Governo do Estado do Mato Grosso do Sul; Professora atuante nos cursos de Mestrado Acadêmico e Mestrado Profissional, PROFLETRAS; Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Língua Portuguesa. E-mail: natysierra2011@hotmail.com.

3 Doutora em Estudos da Linguagem pela PUC-Rio, em 2010; Pós-Doutora em Letras Modernas pela USP (2016-2017); Mestra em Administração de Empresas com especialização em Marketing pelo IAG Escola de Negócios da PUC-Rio, em 2006; Pós-graduada em Management (MBA) pelo IAG Escola de Negócios da PUC/RJ, em 2003 e em Metodologia do Ensino da Língua Inglesa; Professora Dr. Titular da Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul - UEMS, ministrando aulas nos cursos de graduação e de pós-graduação stricto sensu do Mestrado Acadêmico e Profissional em Letras; Licenciatura e Bacharelado em Psicologia pela Anhanguera (UNIDERP), em 2023 e Plena em Letras Português-Inglês pela PUC/RJ, em 1984. E-mail: chaves.adri@hotmail.com.

---

**Recebido em:** 17 de Julho de 2023

**Avaliado em:** 16 de Agosto de 2023

**Aceito em:** 20 de Setembro de 2023

---



A autenticidade desse artigo pode ser conferida no site <https://periodicos.set.edu.br>

Copyright (c) 2023 Revista Interfaces Científicas - Humanas e Sociais



Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International License.